

## Influência da Gestão Empresarial na Taxa de Mortalidade das Micro e Pequenas Empresas de Uberlândia

ISABELLA MIGUEL VANNUCCI<sup>1</sup>  
MÔNICA APARECIDA FERREIRA<sup>2</sup>  
VANESSA RAMOS DA SILVA<sup>3</sup>

### Resumo

As Micro e Pequenas Empresas (MPEs) estão entre as principais geradoras de riqueza no comércio do Brasil. Ao longo dos últimos anos, a importância dessas empresas tem sido crescente no país, tornando-as essenciais para o desenvolvimento socioeconômico. No entanto, sabe-se que a mortalidade entre esses tipos de empresa também é significativa, sendo resultado de uma série de fatores relacionados, principalmente, a problemas de gestão financeira e operacional. Assim, o objetivo geral deste estudo é analisar a percepção dos empreendedores em relação à gestão empresarial e à taxa de mortalidade das empresas do setor de varejo de Uberlândia. Para a realização da pesquisa, foram levantados na literatura os principais fatores apontados como causas da mortalidade dessas empresas, tendo sido também elaborado e aplicado um questionário junto a 25 MPEs na cidade de Uberlândia. Os resultados evidenciaram os principais motivos reconhecidos pelos empresários que contribuem para o aumento do índice de mortalidade das MPEs. Destacam-se ainda como os principais fatores que contribuem para a mortalidade das MPEs os seguintes: os problemas decorrentes de gestão empresarial exercida na empresa e a forma como são conduzidas as ferramentas de gestão das organizações.

**Palavras-chave:** Micro e Pequenas Empresas, Gestão Empresarial, Taxa de Mortalidade.

### Abstract

Microenterprises and small businesses are among the main generators of wealth in Brazilian commerce. Over the last few years, the importance of these companies has been increasing in the country, making them essential for socioeconomic development. However, it is known that mortality among these types of companies is also significant, being the result of a series of factors related, mainly, to problems of financial and operational management. Thus, the general objective of this study is to analyze the perception of entrepreneurs in relation to business management and the mortality rate of companies in the retail sector in Uberlândia. In order to carry out the research, the main factors identified as causes of mortality in these companies were surveyed in the literature, and a questionnaire was also prepared and applied to 25 microenterprises and small businesses in the city of Uberlândia. The results showed the main reasons recognized by entrepreneurs that contribute to the increase in the mortality rate of microenterprises and small businesses. The following also stand out as the main factors that contribute to the mortality of microenterprises and small businesses: the problems arising from the business management exercised in the company and the way in which the management tools of organizations are conducted.

**Keywords:** Microenterprises and Small businesses; Business Management, Mortality Rate.

---

<sup>1</sup> Graduada em Ciências Contábeis pela Universidade Federal de Uberlândia - FACIC/UFU. Endereço: Av. João Naves de Ávila, 2121 - 1F - Santa Mônica, Uberlândia - MG, 38408-100. E-mail: isinha\_42@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Ciências Contábeis; Professora Adjunta na Faculdade de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Uberlândia (FACIC/UFU). Endereço: Av. João Naves de Ávila, 2121 - 1F - Santa Mônica, Uberlândia - MG, 38408-100. E-mail: monica.ferreira@ufu.br

<sup>3</sup> Doutoranda em Ciências Contábeis; Professora da Uniessa. Endereço: Av das Américas, 505. Bairro Altamira. Uberlândia - MG, 38411-020. E-mail: vanessaramossilva@hotmail.com

## 1 Introdução

As MPEs representaram, em 2011, mais de um quarto do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro. No Brasil, existem cerca de 9 milhões de MPEs, que são as principais geradoras de riqueza no comércio do país, influenciando ainda sobre a geração de renda, a oferta de empregos e o fortalecimento da economia. Portanto, as MPEs têm um importante papel social e econômico em relação à geração de empregos e à distribuição de renda por todo o país (Santos, Silva & Neves, 2011).

De acordo com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) (<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae>, recuperado em 09 de maio, 2016), as MPEs, em conjunto, responderam por 27% do PIB, por 52% do total de empregos e por 40% da massa salarial em 2014. Esses dados não consideram o grande número de MPEs que funcionam informalmente e também geram renda e empregos, o que demonstra a importância de se incentivar e qualificar os empreendimentos de pequeno porte.

Em contraponto à significância das MPEs, percebe-se que a mortalidade entre esse tipo de empresa também é relevante. Segundo Marques (2009), a alta taxa de mortalidade resulta de alguns fatores: perfil empreendedor pouco desenvolvido entre a maioria dos que abrem uma empresa, falta de planejamento do negócio antes de sua abertura, má gestão empresarial durante os primeiros anos de atividade, baixo crescimento da economia brasileira, problemas pessoais dos donos das empresas que afetam o negócio (brigas entre sócios, problemas de saúde e de sucessão) e insuficiência de políticas públicas de apoio aos pequenos negócios (tributárias, trabalhistas e de crédito). Consideram-se o planejamento e o controle financeiro as ferramentas básicas para o crescimento de uma empresa.

É possível afirmar que as MPEs enfrentam problemas bem específicos em razão de suas peculiaridades. As MPEs são atrativas do ponto de vista da rentabilidade, mas, devido a deficiências na gestão financeira e operacional, operam de maneira ineficiente, o que as deixam vulneráveis ao mercado e aos imprevistos comuns dos negócios (Santos *et al.*, 2011).

Com base nas premissas apresentadas, formula-se o seguinte problema de pesquisa: Qual a percepção dos empreendedores em relação à gestão empresarial e seu impacto na mortalidade das empresas do setor de varejo do município de Uberlândia?

Sendo assim, o objetivo geral deste estudo é analisar a percepção dos empreendedores em relação à gestão empresarial e à taxa de mortalidade das empresas do setor de varejo em Uberlândia. Como objetivos específicos, têm-se os seguintes: identificar os fatores preponderantes na mortalidade das MPEs, analisar bibliograficamente os conceitos que envolvem o assunto, identificar a eficácia do planejamento financeiro, investigar os aspectos relevantes da gestão de MPEs e mensurar a influência de uma boa gestão empresarial na prevenção de mortalidade de MPEs.

O estudo se mostra relevante devido à importância das MPEs no Brasil e ao fato de que boa parte delas encerra suas atividades em menos de cinco anos após seu início, o que é causado pela má gestão, contribuindo para o aumento da taxa de mortalidade das empresas (Moraes & Markus, 2015). Justifica-se ainda pelas informações geradas a partir do questionário aplicado às empresas, as quais são úteis para a detecção de falhas e melhorias na organização, contribuindo de maneira positiva não somente para a área gerencial, mas também para as áreas acadêmica e social.

## 2 Referencial Teórico

No desenvolvimento teórico deste trabalho, será dado enfoque aos seguintes pontos: importância da gestão empresarial das MPEs na cidade de Uberlândia, conceito de MPEs, taxa de mortalidade, gestão empresarial e estudos relacionados ao tema.

### 2.1 Mortalidade de Micro e Pequenas Empresas

O Sebrae (2016) define as MPEs como as principais geradoras de riqueza do comércio no Brasil, que são as EPPs, as MEs e o MEI. Essas empresas vêm adquirindo, ao longo de mais de 30 anos, uma importância crescente no país, visto que são empresas fundamentais para o setor socioeconômico brasileiro (<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae>, recuperado em 09 de maio, 2016).

As MPEs são protegidas pela lei geral das micro e pequenas empresas (Lei Complementar n. 123, 2006), que foi constituída para regulamentar o disposto na Constituição Federal, prevendo o tratamento diferenciado e favorecido à microempresa e à empresa de pequeno porte.

De acordo com o Sebrae (2016), devido ao fato de as MPEs serem muito importantes para a geração de empregos, a distribuição de renda, a inclusão social, a redução da informalidade e o fortalecimento da economia, foi instituído um regime tributário específico para os pequenos negócios, que é o Simples Nacional, por meio do qual a carga de impostos é reduzida e os processos de cálculo e recolhimento são simplificados (<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae>, recuperado em 10 de maio, 2016).

Segundo Moraes e Markus (2015), boa parte das MPEs encerram suas atividades em um, três ou cinco anos após seu início e a causa desses falecimentos ocorre, na maioria dos casos, devido à má gestão. A gestão eficiente nessas empresas pode colaborar para a redução da taxa de encerramento prematuro das atividades, bem como pode permitir que se consiga uma redução das taxas de mortalidade das MPEs.

No mesmo sentido, Santini, Favarin, Nogueira, Oliveira e Ruppenthal (2015) relatam que uma grande parte das MPEs encerram suas atividades no primeiro ano de funcionamento e que, em virtude da importância dessas empresas, é necessário um estudo sobre os aspectos causadores de sucesso ou fracasso que interferem em sua vida econômica. Além disso, o empreendedor precisa saber assumir riscos e enfrentar as dificuldades, inovando sempre o negócio.

Sales, Barros e Pereira (2011) mostram que uma grande parte das empresas não sobrevivem por mais de dois anos e que, na maioria das vezes, o sucesso depende da formação e da capacitação dos empresários para um bom gerenciamento e para desenvolver a habilidade de criação e autorrealização.

Por sua vez, Moraes e Markus (2015) apontam que algumas características podem explicar o fracasso das empresas, tais como: falta de sensibilidade ao ambiente - déficit em habilidade de aprender a se adaptar; falta de coerência e identidade - falta de um desenvolvimento de uma comunidade e personalidades próprias; intolerância - falta de habilidade de forjar relacionamentos com outras empresas; e falta de gestão financeira conservadora.

Santini *et al.* (2015) apontam ainda fatores que levam à mortalidade dos negócios, podendo-se citar, entre outros: a magnitude gerencial e administrativa, juntamente com o conhecimento de mercado e clientes; o setor financeiro, no que tange à condução da gestão financeira da empresa; aspectos externos, que se referem à economia da região ou país, como juros, crise e desastres ambientais. A falta de conhecimento nas áreas de gestão, economia, contabilidade e marketing também pode influenciar o bom desempenho da empresa.

Para Sales *et al.* (2011), o fato de o empresário dispor de pouco tempo para planejamento empresarial antes de abrir o negócio pode comprometer seu desempenho e causar a mortalidade da empresa, o que demonstra falta de planejamento estratégico. Destaca-se também o fato de as empresas não procurarem apoio, assistência ou assessoria de algum profissional, consultor ou contador para ajudá-las na administração. Além disso, o baixo índice de utilização de pesquisas de mercado e de análise financeira e econômica também é fator condicionante para a mortalidade das MPEs.

Marques (2009) aponta que a continuidade e a sustentabilidade das MPEs são possíveis por meio de um bom planejamento financeiro, pois sua ausência acarreta uma alta taxa de mortalidade, demonstrando que essas empresas estão passando por dificuldades, tanto financeiras quanto operacionais. Ainda segundo o autor, a partir de pesquisas realizadas, percebe-se que a alta taxa de mortalidade é resultado de alguns fatores principais: perfil empreendedor pouco desenvolvido entre a maioria dos que abrem uma empresa, falta de planejamento do negócio antes de sua abertura, má gestão empresarial durante os primeiros anos de atividade, baixo crescimento da economia brasileira, problemas pessoais dos donos das empresas que afetam o negócio (brigas entre sócios, problemas de saúde e de sucessão) e insuficiência de políticas públicas de apoio aos pequenos negócios (tributárias, trabalhistas e de crédito).

## 2.2 Gestão Empresarial

Segundo Veloso e Porto (2015), a gestão empresarial começou a receber maior incentivo depois do Século XX, quando a área financeira passou a ter grande importância no crescimento das empresas, evidenciando a necessidade de planejamento, controles financeiros e capacitação para gerenciar. Atualmente, o mercado está cada vez mais competitivo, tornando a gestão empresarial essencial em qualquer organização.

No mesmo sentido, Marques (2009) define que a essência da gestão, do planejamento e do controle empresarial confere as bases para que os gestores de uma empresa possam pensar em um processo contínuo de tomada de decisão em relação ao seu destino a curto e longo prazos. Destaca-se que o planejamento é a primeira ferramenta a ser utilizada dentre todas as funções gerenciais para que decisões possam ser tomadas no futuro.

Baradel, Martins e Oliveira (2010), por sua vez, acreditam que o uso de ferramentas gerenciais pode minimizar os riscos internos e externos aos quais as empresas estão expostas, uma vez que essas ferramentas contribuem para a previsão e o preparo para enfrentar os acontecimentos futuros, tornando o planejamento e o controle indispensáveis para a sobrevivência da empresa.

Santos, Lavarda e Marcello (2014) apresentam os sistemas de controle gerencial como ferramentas que podem servir aos objetivos organizacionais por meio do alinhamento de interesses dos gestores.

Por seu turno, Baradel *et al.* (2010) destacaram ainda como são gerenciadas as entradas e as saídas de caixa de uma microempresa comercial para a realização do planejamento e do controle financeiro, bem como demonstraram a importância da utilização de uma ferramenta gerencial para o processo decisório. Entretanto, a implementação do fluxo de caixa, que possibilita um maior conhecimento da empresa, nem sempre é suficiente para a mudança da gestão. Nesse caso, o empresário se torna o maior responsável pela tomada de decisões na empresa e deve fazer uso das ferramentas gerenciais para auxiliá-lo a tomar a melhor decisão para o negócio.

Veloso e Porto (2015) buscaram também retratar a importância do planejamento financeiro nas MPEs por meio da responsabilidade do administrador (que almeja alcançar os objetivos da empresa), da melhoria do ambiente de trabalho e do fortalecimento da empresa

no mercado. Percebe-se que, por meio do planejamento, o administrador financeiro consegue tomar decisões de forma segura sem comprometer a estabilidade da empresa, bem como consegue ter uma visão mais ampla do negócio, propiciando um melhor entendimento de cada área da empresa para traçar os objetivos da melhor maneira possível, analisando e utilizando as informações de forma a contribuir com a continuidade e o crescimento do negócio.

Cunha e Soares (2010) destacam efetividade nas empresas a partir de uma boa gestão empresarial por meio da qual planejar representa a capacidade de coordenar constantemente com vistas ao alcance dos objetivos da empresa. A maioria das pequenas empresas não utiliza seus recursos financeiros da melhor forma possível devido à falta de planejamento por parte dos empresários que as administram. “Este fato acaba dificultando muito a sobrevivência da empresa, pois estas normalmente não possuem grandes reservas de capital e, ao encontrar as primeiras dificuldades, não estão preparadas e acabam sofrendo problemas” (Cunha & Soares 2010, p. 30).

Assim, pode-se afirmar que o planejamento não é o único responsável pelo crescimento da empresa, mas ele é apenas uma das diversas ferramentas de gestão. Para se obter sucesso organizacional, o planejamento precisa ser utilizado antes e durante a execução das atividades juntamente com a aplicação das ferramentas de controle e correção (caso necessário) para se alcançar uma gestão empresarial de qualidade.

### 2.3 Estudos Anteriores

Este trabalho busca identificar e analisar os diversos aspectos da mortalidade em MPEs com foco na importância da gestão empresarial, utilizando-se como referência bibliográfica os artigos apresentados por Marques (2009), Cunha e Soares (2010), Baradel *et al.* (2010), Santos *et al.* (2011), Sales *et al.* (2011), Santini *et al.* (2015), Santos *et al.* (2014), Moraes e Markus (2015), Veloso e Porto (2015). Trata-se de abordagens diferentes na área de gestão empresarial que contribuem para identificar as causas de incidência de mortalidade nas MPEs.

Os artigos se complementam ao apresentarem aspectos relevantes sobre a importância do planejamento financeiro e operacional das empresas, destacando os resultados positivos das MPEs quando essas utilizam alguma ferramenta gerencial e passam a controlar todas as áreas dentro da organização, atingindo um melhor crescimento e desenvolvimento, até mesmo para se tornarem mais competitivas no mercado. Entretanto, nota-se que, em muitas empresas, os empresários entendem não ser necessário um planejamento empresarial (por se tratarem de micro ou pequenas empresas), o que as tornam vulneráveis ao mercado, contribuindo para o aumento da taxa de mortalidade de empresas devido à falta de gestão empresarial.

Marques (2009) apresenta seu estudo, destacando a necessidade da sustentabilidade das MPEs por meio de um bom planejamento financeiro. O autor busca como objetivo geral destacar a importância do planejamento e do controle financeiro para as MPEs e demonstra, por meio do método qualitativo, que a alta taxa de mortalidade resulta de alguns fatores principais, tais como: perfil empreendedor pouco desenvolvido entre a maioria dos que abrem uma empresa, falta de planejamento do negócio antes de sua abertura, má gestão empresarial durante os primeiros anos de atividade, baixo crescimento da economia brasileira, problemas pessoais dos donos das empresas que afetam o negócio (brigas entre sócios, problemas de saúde e de sucessão) e insuficiência de políticas públicas de apoio aos pequenos negócios (tributárias, trabalhistas e de crédito), tornando o planejamento e o controle financeiro as ferramentas básicas para o crescimento de uma empresa.

Baradel *et al.* (2010) destacam a importância do planejamento e do controle financeiro. Por meio de uma pesquisa qualitativa, os autores analisaram uma microempresa do segmento varejista, especificamente, o modo como são gerenciadas as entradas e as saídas de caixa para a implementação do planejamento e controle financeiro. Os autores demonstraram ainda a

importância da utilização de uma ferramenta gerencial para o processo decisório uma vez que o empresário é o maior responsável pela tomada de decisões na empresa. Todavia, tradicionalmente, o empresário não faz uso das ferramentas gerenciais para que essas possam auxiliá-lo a tomar as melhores decisões para o negócio. Ressalta-se que, mesmo com a implementação do fluxo de caixa, que possibilita maior conhecimento sobre a empresa, o não uso das demais ferramentas se torna um empecilho para mudar a gestão.

Cunha e Soares (2010) trouxeram como objetivo levantar os aspectos do planejamento no crescimento das MPEs e, por meio de um estudo descritivo, apontaram vários aspectos relevantes do planejamento para um crescimento satisfatório das MPEs. Segundo os autores, alguns fatores que contribuem para esse crescimento são: comportamento empreendedor, planejamento prévio e gestão empresarial, destacando-se que o uso dessas ferramentas traz reflexos positivos para as empresas.

Santos *et al.* (2011) buscaram identificar os riscos que mais influenciam a sobrevivência de MPEs por meio da ferramenta multivariada de regressão logística. Em uma pesquisa quantitativa, foram levados em consideração o tempo de atividade, o status da renda, os cursos e treinamentos, a filiação e associação, o número de funcionários, o faturamento bruto mensal, a tendência da produção e a inovação dos produtos. A análise de tais pontos permitiu o mapeamento da empresa como um todo em relação ao gerenciamento das atividades operacionais.

Sales *et al.* (2011) adotaram como objetivo identificar características específicas de empresários que não sobreviveram no mercado e, por meio de um estudo descritivo, analisaram o tempo que cada empresário utilizou para: planejamento do negócio, conhecimento sobre o ramo de atividade da empresa, pesquisa de mercado, plano de negócios (clientes, concorrentes, fornecedores, parceiros), análise de viabilidade econômico-financeira e do capital social. Ao final a pesquisa quantitativa em 32 empresas, os autores concluíram que esses são os principais fatores condicionantes para a mortalidade das MPEs.

Santos *et al.* (2015) enfatizaram como o desempenho dos gestores pode ser influenciado por fatores que nem sempre são objetivos. Os autores buscaram investigar a relação do conhecimento de gestão de custos e participação orçamentária com o desempenho dos gestores. Assim, eles puderam observar, por meio de uma pesquisa descritiva, que o desempenho no trabalho pode ser afetado pela falta de conhecimento, habilidade e experiência. Nas empresas nas quais os gestores são mais capacitados, nota-se um desempenho mais satisfatório, o que contribui para o desempenho gerencial e o desempenho coletivo da organização.

Já Santini *et al.* (2015) identificaram os fatores causadores da mortalidade das empresas e destacaram que um negócio é composto por diversas variáveis a serem analisadas para que não se tornem a causa para o fechamento da empresa. Os motivos que levam uma empresa a fechar, segundo a pesquisa quantitativa realizada pelos autores, são: falta de clientes, falta de capital de giro, carga tributária elevada, ponto inadequado, recessão econômica do país, inadimplência de clientes, falta de conhecimento do negócio, concorrência muito forte, problemas financeiros, falta de mão de obra e falta de crédito, ou seja, trata-se de fatores decorrentes do mau planejamento do negócio e da má execução da gestão da empresa.

Moraes e Markus (2015), em sua pesquisa, verificaram que a forma de administrar e conduzir os negócios para que uma micro ou pequena empresa sobreviva está diretamente relacionada à boa gestão por parte do empresário. No estudo qualitativo e quantitativo realizado, foram considerados como pontos importantes: as intervenções diárias dos empresários, o *know-how*, uma equipe preparada no início e durante o negócio, um bom atendimento ao cliente, a análise de concorrentes, a gestão de preços e custos e o alinhamento do objetivo da empresa. Nesse sentido, nota-se a importância do plano de negócios para o sucesso em todas as áreas da empresa.

Veloso e Porto (2015), por meio de uma pesquisa qualitativa, buscaram retratar a importância do planejamento financeiro nas MPEs, destacando a responsabilidade do administrador que deve buscar o alcance dos objetivos da empresa, melhorando o ambiente de trabalho e o fortalecimento da empresa no mercado. Por meio do planejamento, o administrador financeiro consegue tomar decisões de forma segura sem comprometer a estabilidade da empresa. Ele consegue também ter uma visão mais ampla do negócio, o que propicia um melhor entendimento de cada área da empresa para traçar melhor os objetivos, analisar e usar as informações de forma que essas contribuam para a continuidade e o crescimento da empresa.

Os artigos anteriores demonstram claramente a importância do planejamento para um crescimento satisfatório das MPEs e evidenciam o quão importante são as ferramentas de gestão para um bom desenvolvimento do planejamento e para uma boa gestão empresarial.

### 3 Metodologia

Segundo Demo (1985), define-se metodologia como um conjunto de métodos e técnicas que têm por objetivo traçar uma comparação da realidade com a teoria, ou seja, é o estudo do tipo de processo empregado na elaboração do projeto, captando e analisando as características dos vários métodos disponíveis, bem como avaliando suas capacidades, potencialidades, limitações ou distorções e criticando os pressupostos ou as implicações de sua utilização.

A metodologia utilizada para este estudo enquadra-se como um estudo descritivo que, segundo Andrade (2004), apresenta as características de determinada situação sem que o pesquisador nela interfira, permitindo sua observação, registro, análise, classificação e interpretação.

Este trabalho se classifica também como uma pesquisa qualitativa. Para Minayo (2002), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de *web sites*. De acordo com Fonseca (2002, p. 32), “Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto”. Para a realização deste trabalho, fez-se necessário um embasamento teórico por meio de pesquisa bibliográfica relacionada ao campo dos saberes inerentes às áreas de gestão empresarial com a finalidade de alcançar os objetivos previamente traçados, com resultados positivos dentro do contexto das organizações contemporâneas e frente às diversas demandas que o tema sugere e propõe.

Assim, o trabalho apresentado reúne e sistematiza ideias de vários pesquisadores e analisa empresas do setor de varejo da cidade de Uberlândia. Uma amostra significativa de empresários foi entrevistada, especificamente, de empresas que se enquadram como MPEs, tendo sido visitados 30 estabelecimentos comerciais e, em 25 deles, foi aplicado um questionário durante os meses de setembro e outubro de 2016. Os entrevistados foram os proprietários dos estabelecimentos comerciais que colaboram com o crescimento econômico do município de Uberlândia.

Para verificar a influência da gestão empresarial sobre a taxa de mortalidade das MPEs de Uberlândia, foram identificadas as variáveis encontradas na literatura como influenciadoras da mortalidade das empresas, destacando-se os seguintes estudos: Marques (2009), Baradel *et al.* (2010), Cunha e Soares (2010), Santos *et al.* (2011), Sales *et al.* (2011), Santos *et al.* (2014), Santini *et al.* (2015), Moraes e Markus (2015) e Veloso e Porto (2015). As variáveis que foram obtidas nas entrevistas serão descritas posteriormente.

O objetivo foi determinar quais variáveis estão mais associadas ao risco de sobrevivência dessas MPEs a partir da gestão dos empresários. Assim, não constitui objeto do estudo a identificação do efeito causado pelas variáveis sobre as MPEs entrevistadas, considerando que a análise de dados é descritiva e realizada a partir da percepção dos entrevistados.

## **4 Análise dos Resultados**

### **4.1 Caracterização dos Respondentes**

A pesquisa envolveu a aplicação de um questionário junto a 25 empresas do setor comercial da cidade de Uberlândia. Identificou-se que 64% das entrevistadas estão no mercado há mais de 5 anos, 20% estão no mercado entre 2 e 5 anos, 8% estão entre 1 e 2 anos e 8% entre 0 e 1 ano. Quanto à constituição das empresas pesquisadas, 48% eram MEs, 40% foram identificadas como EPPs e 12% são MEI.

Em relação à escolaridade dos proprietários, conforme os resultados obtidos, 40% têm pós-graduação, 16% cursaram curso superior completo, 28% estão cursando curso superior e 16% têm o ensino médio. O nível de escolaridade dos empresários é um fator importante, tendo um impacto significativo na sobrevivência das empresas.

Evidentemente, maior ou menor escolaridade reflete em ambientes sociais e culturais distintos, com diferentes níveis de acesso às oportunidades em geral. Esse diferencial repercute na capacidade de aprender com maior facilidade, aumentando as chances de entender mudanças e adquirir vantagem comparativa frente à concorrência (Santini *et al.*, 2014, p. 14).

Em relação ao nível de experiência profissional na área de gestão empresarial, 44% têm mais de 5 anos de experiência, 16% têm experiência entre 2 e 5 anos, 16% afirmaram ter experiência entre 1 e 2 anos e 24% têm menos de 12 meses de experiência na área de gestão empresarial. Esse resultado evidencia que 60% dos entrevistados têm significativa experiência em gestão empresarial.

### **4.2 Análise Descritiva das Variáveis em Estudo**

As questões respondidas pelos entrevistados quando da aplicação do questionário permitiram identificar o quão os respondentes conhecem e praticam a boa gestão financeira no ambiente organizacional. Verificou-se que, no que tange à gestão fluxo de caixa, apenas 32% adotam fluxo de caixa capaz de calcular indicadores financeiros com projeções futuras e que 36% apenas controlam suas contas a pagar e a receber e acompanham saldos bancários e faturamento. Além disso, 8% adotam um fluxo de caixa e 24% dos entrevistados não têm controle do seu saldo bancário. Essa posição mostra relação com os resultados encontrados por Baradel *et al.* (2010) ao verificar que o controle financeiro era realizado de maneira informal.

Em relação à separação das finanças da empresa e das finanças pessoais, 44% trabalham com as finanças separadas, há pró-labore e divisão controlada do lucro e não há pagamento de contas pessoais com o dinheiro da empresa. Verificou-se ainda que 32% declararam que existe uma separação básica de conta da pessoa jurídica e da pessoa física, mas que contas pessoais são pagas pela empresa (exemplos: aluguel e energia da residência do proprietário) e 24% relataram que as finanças da empresa e do proprietário são uma só. Foi possível verificar também que, em uma amostra de 10 respondentes, 30% dos empresários retiram o pró-labore de forma correta e que o restante passou a viver do negócio, deixando claro a não separação



básica de conta entre pessoa jurídica e pessoa física. Esse resultado vai de encontro ao verificado por Moraes e Markus (2015) em seus estudos.

Já em relação ao capital de giro, 60% das empresas informaram saber o quanto precisam ter de capital de giro, mas apenas 28% fazem projeções para manter o nível adequado de capital de giro. Ainda, a maioria dos respondentes (52%) tem reservas para investimento, mas somente 28% as aplicam para gerar renda financeira. Tal resultado vai de encontro ao verificado por Baradel *et al.* (2010), os quais relatam que o empresário prefere manter seus investimentos com uma postura mais conservadora por não ter muito conhecimento sobre o assunto e seu tempo ser escasso.

No que tange à determinação dos custos envolvidos no negócio da empresa, 96% conhecem seus custos totais por mês (92% sabem distinguir custo variável de custo fixo), embora 52% façam o rateio de seus custos e apenas 32% utilizem um sistema sólido e claro de classificação e análise de custos. Dentre os 96% de entrevistados que conhecem seus custos totais por mês, todos sabem diferenciar despesa de investimento, no entanto, somente 32% têm um planejamento financeiro e orçamentário para cada um desses itens.

No que diz respeito ao planejamento e controle orçamentário realizados pela empresa, apenas 28% usam o plano orçamentário como meio de reduzir gastos e aumentar o lucro, pois uma parte considerável (40%) não tem qualquer planejamento ou controle orçamentário. De acordo com Veloso e Porto (2015), o planejamento e o controle orçamentário são utilizados como estratégias para alcançar as metas da empresa.

Ao analisar os dados obtidos, observou-se que 60% dos respondentes já tomaram um ou mais empréstimos junto a instituições financeiras, mesmo que 88% dos empresários entrevistados têm total controle sobre seus devedores e valores a receber da empresa. Conforme destacam Veloso e Porto (2015), mais de 30% das MPEs recorreram ao crédito bancário nos últimos 8 anos.

Percebeu-se também que 56% das empresas têm uma margem de contribuição padrão em seus produtos e 36% responderam que cada produto apresenta diferente margem e 72% precificam seus produtos, estabelecendo um *mark-up* e analisando a concorrência. Por fim, dentre 60% dos empresários que realizam planejamento, 44% relataram que o faturamento condiz com o esperado e 40% declararam que o faturamento está abaixo do que foi planejado.

### **4.3 Posicionamento sobre os Fatores de Influência**

Buscou-se identificar nesta pesquisa quais variáveis investigadas foram fatores preponderantes que contribuem para o alto índice de mortalidade das MPEs. Os fatores analisados foram os seguintes: perfil empreendedor pouco desenvolvido entre a maioria dos que abrem uma empresa, falta de planejamento do negócio antes de sua abertura, má gestão empresarial durante os primeiros anos de atividade, baixo crescimento da economia brasileira, problemas pessoais dos donos das empresas que afetam o negócio (brigas entre sócios, problemas de saúde e de sucessão), insuficiência de políticas públicas de apoio aos pequenos negócios (tributárias, trabalhistas e de crédito) e má gestão financeira na empresa.

De acordo com a experiência de mercado dos respondentes, os fatores que mais contribuem para o índice de mortalidade das MPEs, conforme suas percepções, são: má gestão durante os primeiros anos de atividade (18,75%), má gestão financeira na empresa (17,88%) e falta de planejamento do negócio antes de sua abertura. Tais resultados podem ser comparados com os obtidos por Cunha e Soares (2010), que demonstram a ligação da sobrevivência da empresa com o planejamento, bem como com o resultado verificado por Marques (2009), que identifica a importância de alguns conhecimentos para uma boa gestão do negócio, influenciando, conseqüentemente, a gestão financeira.

Além disso, foram identificados outros fatores que também influenciam na mortalidade das MPEs. O perfil empreendedor pouco desenvolvido entre a maioria dos que abrem uma empresa foi mencionado por 13,04% dos entrevistados, seguido dos problemas pessoais dos donos das empresas que afetam o negócio (11,96%). Para Sales *et al.* (2011), os problemas particulares dos sócios foram o fator apontado como motivo principal de mortalidade das MPEs. O baixo crescimento da economia brasileira (11,62%) e a insuficiência de políticas públicas de apoio aos pequenos negócios (10,86%) também foram apontados como fatores de causa de mortalidade das MPEs, corroborando os resultados da pesquisa realizada por Sales *et al.* (2011), segundo a qual a crise econômica aparece na terceira posição como causa de mortalidade dessas empresas.

## 5 Considerações Finais

Neste estudo, buscou-se investigar, sob a ótica de percepção dos empresários da cidade de Uberlândia, a influência da gestão empresarial sobre taxa de mortalidade das MPEs por meio da análise descritiva de fatores identificados na literatura, sendo eles: perfil empreendedor pouco desenvolvido entre a maioria dos que abrem uma empresa, falta de planejamento do negócio antes de sua abertura, má gestão empresarial durante os primeiros anos de atividade, baixo crescimento da economia brasileira, problemas pessoais dos donos das empresas que afetam o negócio (brigas entre sócios, problemas de saúde e de sucessão), insuficiência de políticas públicas de apoio aos pequenos negócios (tributárias, trabalhistas e de crédito) e má gestão financeira na empresa.

Os resultados auferidos possibilitaram identificar os principais motivos reconhecidos pelos empresários quanto a cada um dos fatores que contribuem para o aumento do índice de mortalidade das MPE. Ao organizar a relação dos elementos com percentuais em destaque na pesquisa quanto a cada item, percebe-se que, em relação aos fatores influentes, os motivos de maior relevância estão relacionados à gestão empresarial exercida na empresa e à forma como são conduzidas as ferramentas de gestão nas organizações.

Percebe-se ainda que os itens de maior incidência, mesmo sendo de construtos diferentes, apresentam certa relação, ou seja, os empresários, no momento da gestão empresarial, buscam as ferramentas gerenciais e financeiras para uma efetividade maior na empresa.

De acordo com os resultados obtidos, pode-se dizer que este estudo contribui para que outros estudantes e/ou órgãos que mensuram índice de mortalidade de empresas possam analisar o perfil dos empresários, principalmente, no que tange ao comportamento em relação à gestão empresarial e, assim, possam buscar métodos efetivos para reduzir a mortalidade de MPEs no Brasil.

Esta pesquisa, como mencionado, foi realizada em uma cidade específica (Uberlândia), o que, conseqüentemente, gera algumas limitações na generalização dos resultados. Sendo assim, indica-se, para futuras pesquisas, a replicação do estudo em outras cidades, que podem ser do mesmo Estado e/ou de outros, tendo em vista que as realidades regionais são distintas, assim como estabelecer a comparação dos fatores condicionantes na mortalidade das MPEs em diferentes segmentos.

## Referências

Andrade, M. M. de. (2004). *Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação: Noções práticas*. (6a ed.). São Paulo: Atlas.

- Baradel, E. C., Martins, S., & Oliveira, A. R. (2010). Planejamento e controle financeiro: Pesquisa-ação em uma microempresa varejista. *Revista de Negócios - Studies on emerging countries*, 15(4), 78-96.
- Cunha, A. S. da, & Soares, T. C. (2010). Aspectos relevantes do planejamento no crescimento das Micro e Pequenas Empresas (MPE). *Revista da Micro e Pequena Empresa*, 4(3), 15-39.
- Demo, P. (1985). *Introdução à metodologia da ciência*. (2a ed.). São Paulo: Atlas.
- Fonseca, J. J. S. da. (2002). *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC.
- Lei Complementar n. 123, de 14 de dezembro de 2006*. Institui o Estatuto Nacional da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte; altera dispositivos das Leis n.º 8.212 e 8.213, ambas de 24 de julho de 1991, da Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei n.º 5.452, de 1.º de maio de 1943, da Lei n.º 10.189, de 14 de fevereiro de 2001, da Lei Complementar n.º 63, de 11 de janeiro de 1990; e revoga as Leis n.º 9.317, de 5 de dezembro de 1996 e 9.841, de 5 de outubro de 1999. Recuperado de [http://www.planalto.gov.br/CCivil\\_03/leis/LCP/Lcp123.htm](http://www.planalto.gov.br/CCivil_03/leis/LCP/Lcp123.htm)
- Marques, A. V. (2009). Planejamento e controle financeiro nas micro e pequenas empresas, visando à continuidade e à sustentabilidade. *Anais do Encontro Nacional de Engenharia de Produção*, Salvador, BA, Brasil, XXIX.
- Minayo, M. C. de S. (Org.) (2002). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes.
- Moraes, C. Z., & Markus, K. (2015). Longevidade empresarial: MPEs a uma taxa de sobrevivência atípica. *Caderno Profissional de Administração da UNIMEP*, 5(1).
- Sales, R. L., Barros, A. A. de, & Pereira, C. M. M. de A. (2011). Fatores condicionantes da mortalidade dos pequenos negócios em um típico município interiorano brasileiro. *Revista da Micro e Pequena Empresa*, 5(1), 68-84.
- Santini, S., Favarin, E. de V., Nogueira, M. A., Oliveira, M., L. de, & Ruppenthal, J. E. (2015). Fatores de mortalidade em micro e pequenas empresas: um estudo na região central do Rio Grande do Sul. *Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios*, 8(1).
- Santos, A. C. dos, Lavarda, C. E. F., & Marcello, I. E. (2014). Relação do conhecimento de gestão de custos e participação orçamentaria com o desempenho dos gestores. *Revista Brasileira de Negócios*, 16(50), 124-142.
- Santos, L. M. dos, Silva, G. M., & Neves, J. A. B. (2011). Risco de sobrevivência de micro e pequenas empresas comerciais. *Revista de Contabilidade e Organizações*, 5(11), 107-124.
- Veloso, L., & Porto, F. (2015). *A importância do planejamento financeiro nas micro e pequenas empresas*. Brasília: Faculdade Promove.